# ândido

IORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

N° 148 MARCO DE 2024

CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR



### ACERVO ANTIRRACISTA

Estante Afro Maria Águeda marca a importância das coleções literárias negras em espaços públicos e a necessidade de decolonização dos acervos bibliotecários

### Índice

3 ESPECIAL CAPA

Um monumento de palavras — A importância das coleções afro nas bibliotecas públicas do Brasil

Cristine Pieske

12 ESPECIAL

Maria Águeda: Livre e desavergonhada

17 ESPECIAL

Prateleira: Os 10 livros mais emprestados da Estante Afro

19 SÉRIE MULHERES CONTRA A DITADURA

Um pouco sobre minha mãe

Teresa Urban

por Gunther Furtado

25 ENTREVISTA

It's a MAD MAD MAD MADnaus

Susy Freitas

por Luiz Felipe Cunha

**36** POEMA

Dez anos de labirinto (2014 - 2024)

Mariana Basílio

42 CONTO

Náufrago

Nuno Félix da Costa

45 ESPECIAL NICOLAU

As Guerreiras do Contestado

Adélia Maria Lopes

62 FOTOGRAFIA

A lenda da Igreja Matriz

Márcio Bortoloti



# monumento de palavras coleções afro nas bibliotecas públicas do Brasil

Cristine Pieske

Estante Afro Maria Águeda, na Biblioteca Pública do Paraná, marca a importância da decolonização de acervos, com iniciativa pioneira nos espaços culturais do país

Há nela uma presença diferente, uma força, um pulsar. Algo que chama o olhar e que convida, de imediato, à aproximação. Carregada de memórias, mensageira de histórias e saberes negros, a Estante Afro Maria Águeda ergue-se como símbolo da vitória contra o esquecimento, da batalha ganha pelas palavras ao silêncio. Uma estante-monumento.

Ela acolhe, no hall do segundo andar da Biblioteca Pública do Paraná (BPP), os 500 livros doados pelo Centro Cultural Humaitá, associação cultural de Curitiba dedicada ao estudo e à pesquisa da arte e da cultura afro-brasileira. Cuidadosamente construída por Melissa Reinehr e Adegmar José da Silva, o Mestre Kandiero, ambos pesquisadores, ativistas, produtores culturais e fundadores do Humaitá, a coleção inclui publicações de diversas áreas — de literatura infantil a ciências sociais, história, biografia, artes visuais e poesia — que registram as muitas nuances da experiência de povos africanos e seus descendentes em terras brasileiras e paranaenses.

Quase todos os títulos são novos no acervo da Biblioteca, o que reafirma a relevância desta doação. Outros 1.500 livros que integram a coleção do Centro Humaitá poderão vir a completar o conjunto inicial já incorporado pela Biblioteca. A Estante Afro também está aberta a doações de quem desejar contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a temática afro. Dos títulos atuais, todos já estão disponíveis para empréstimo.

A existência de uma coleção específica sobre a temática afro é algo ainda pouco frequente entre as bibliotecas públicas brasileiras, sendo a BPP uma das pioneiras nesse movimento. A iniciativa apresenta, ainda, a particularidade de ser um tributo a uma personalidade importante para a história dos afrodescendentes no Paraná. O nome escolhido para a estante recorda a primeira pessoa negra cuja identidade ficou registrada, em documentos, por ter resistido ao racismo da sociedade escravagista curitibana. Maria Águeda, mulher livre que foi castigada por defender sua liberdade na Curitiba de 1804, é também uma homenagem às mulheres negras e ao matriarcado africano, muito forte até hoje nas comunidades quilombolas.

O trabalho urgente a ser feito no resgate e na defesa da produção intelectual e artística dos afrodescendentes do Paraná foi o que motivou, desde o início, segundo Kandiero, a proposta de doação do acervo do Centro Cultural Humaitá para a BPP. O epistemicídio apagamento do conhecimento e da memória negra -, diz o ativista, muitas vezes ocorre de forma consciente ou inconsciente nas instituições, e elas precisam estar atentas à importância do seu papel na criação e na consolidação de espaços que reconheçam a contribuição do pensamento negro na formação cultural do Estado. Ele cita dois autores paranaenses que são afrodescendentes e que até hoje raramente são reconhecidos como tal: Bento Cego (1821-?), poeta e trovador do município de Antonina, e Emiliano Perneta (1866-1921), conhecido como o "Príncipe dos Poetas do Paraná". A produção paranaense negra atual, fervilhante não só nas periferias, mas também na academia, continua encontrando barreiras para o seu reconhecimento e circulação.

O diretor da Biblioteca Pública do Paraná, Luiz Felipe Leprevost, defende a importância da Estante Afro Maria Águeda como um passo inicial para uma maior presença de autores e autoras negros e negras, e no reconhecimento da instituição como um espaço democrático e diverso. "A Biblioteca tem vontade de ser colaboradora das necessidades de resposta que a sociedade precisa dar a si mesmo no seu crescimento e no seu desenvolvimento, na diminuição dos seus preconceitos", afirma.



Kandiero e Melissa Reinehr

### Livros e antirracismo

Leitor ávido desde os 12 anos, quando cruzava a cidade de Curitiba de ônibus sempre na companhia de livros, Kandiero escolheu a literatura e a palavra como instrumentos de ação. Ele, que também é escritor e editor, iá fez parte do Conselho Nacional de Política Cultural e foi assessor de Política da Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura Municipal de Curitiba, defende a importância da leitura na criação de uma cultura de respeito e de reconhecimento da contribuição dos afrodescendentes. "Todos os livros da Estante Afro Maria Águeda trazem um pouco da cosmovisão africana, e quando uma pessoa conhece diversas verdades, diversas histórias, ela constrói uma consciência negra, uma consciência afrocentrada e uma consciência antirracista", afirma. Essa é uma tarefa. ressalta. que cabe não apenas às pessoas negras, mas também às pessoas brancas que se debruçam com seriedade sobre o tema.

Um dos grandes entusiastas da criação da estante é o advogado e leitor João Carlos de Freitas, autor da obra Colorado: A Primeira Escola de Samba de Curitiba. Frequentador assíduo da Biblioteca Pública há 63 anos — desde que descobriu, ainda menino, a possibilidade de ler gratuitamente os livros que a condição econômica da família não permitia comprar —, João Carlos considera que a coleção Maria Águeda é um reconhecimento importante à comunidade afrodescendente do Paraná. "Uma instituição com tantos anos de história precisava de algo assim, porque até então não havia nada específico sobre a cultura negra", comemora. A partir de agora, diz, as pessoas negras que quiserem conhecer sua própria história já têm onde buscá-la, com acesso a publicações de qualidade. Ele acredita que iniciativas como essa ajudam a combater a ignorância e o racismo, dois sinônimos para a violência que ameaça a vida de tantas pessoas.

Após mais de 20 anos da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, em todas as escolas públicas e privadas brasileiras, determinada pela Lei 10.639, de 2003, houve muitos avancos na valorização da cultura negra. Porém, como analisa a socióloga e educadora Edna Aparecida Coqueiro, que atuou como coordenadora da Educação das Relacões da Diversidade Étnico-Racial na Secretaria de Estado da Educação e primeira presidente do Conselho Estadual da Promoção da Igualdade Racial, ainda é necessário haver um reconhecimento major da importância da educação antirracista, nos âmbitos formal e informal. Ela considera que a criação da estante afro representa uma oportunidade extraordinária, principalmente para as novas gerações de leitores, educadores e pesquisadores. Mas defende que a disponibilização dos livros esteja conjugada com outras ações, com o objetivo de ampliar a discussão e incentivar o comprometimento de todos com a questão racial. Do contrário, os livros ficarão parados. Edna ressalta a importância da realização de atividades que coloquem o foco no protagonismo das pessoas negras e que articulem grupos de diferentes perfis. Ela defende: "A Biblioteca Pública tem força para produzir ações voltadas a vários públicos, o que é fundamental, já que a luta antirracista envolve a todos".



> Edna Aparecida Coqueiro

A importância da estante afro para professores e estudantes é destacada pela educadora, contadora de histórias e autora Rosane Arminda Pereira, que atua na rede estadual de ensino e integra o Conselho Estadual de Cultura na área de Literatura, Livro e Leitura. Para os profissionais da Educação, ela acredita que deva haver um questionamento sobre como os conteúdos presentes na Estante Maria Águeda podem ser usados em formações de letramento racial destinadas a docentes. Para os alunos, a questão pendente a ser resolvida é mais profunda: como promover o acesso à Biblioteca e encurtar as distâncias — reais e simbólicas — dos estudantes das periferias e incentivá-los a se apropriarem desse espaço, que para muitos continua afastado das suas realidades? Rosane Arminda, que teve sua obra de poesia Ubuntu Mulheres selecionada pelo Prêmio Carolina Maria de Jesus de 2023, também defende

a importância de mais ações afirmativas voltadas a desenvolver nos jovens o encantamento pela leitura, para além do ambiente escolar.

### Desafios técnicos

Inaugurada em setembro de 2023, a Estante Maria Águeda é a primeira coleção especial da Biblioteca Pública do Paraná, como explica o responsável técnico e bibliotecário Bruno Leonardi, chefe da Seção de Documentação Paranaense. Além de possuir uma catalogação específica, cada volume é sinalizado na lombada com uma etiqueta da Coleção Afro. O objetivo é permitir uma rápida identificação dos seus títulos entre os mais de 750 mil itens que compõem o acervo total da BPP.

O responsável técnico comenta que, desde o início, o desejo foi que a coleção tivesse um caráter dinâmico, permitindo a incorporação de novos títulos provenientes de doações e aquisições específicas. Também tem sido discutida a possibilidade de, futuramente, identificar nas demais seções da Biblioteca livros que já fazem parte do acervo e que abordam a temática afro, com a mesma etiqueta da coleção especial. Nesse caso, os livros permaneceriam fisicamente distribuídos nas salas onde já estão atualmente, mas em diálogo direto com os demais títulos da estante. Essas e outras questões deverão ser analisadas em breve no processo de curadoria relacionado à expansão da estante.

### Vozes, no plural

O aguardado processo de decolonização de acervos de museus e bibliotecas, que vem ocorrendo por todo o mundo, define a necessidade de atualização das narrativas históricas não somente por meio da reorganização e da correta identificação de obras que já fazem parte das coleções, mas também da aquisição de novos itens ainda não presentes nos acervos. Em

casos mais complexos e em contextos específicos, pode implicar até mesmo na devolução de objetos às comunidades de origem. É dentro deste movimento, de abertura das instituições a registros materiais até então excluídos ou invisibilizados, que as novas coleções sobre as temáticas afro e indígena representam um ponto de inflexão importante para o questionamento das versões únicas há muito estabelecidas.

Com as mudanças trazidas pelo ensino obrigatório da história e cultura afro-brasileira e africana, muitas instituições culturais brasileiras começaram a dar resposta às demandas sociais para oxigenar seus acervos e ampliar o acesso a autores que trabalham sobre essas questões. A decisão de abrir espaço a uma maior pluralidade de vozes deve ser considerada, antes de tudo, uma questão de justiça à memória de todos os povos que participaram da construção das sociedades atuais. Por isso, a criação dessa coleção especial no Paraná tem sido comemorada como um marco histórico, capaz de inspirar outras bibliotecas a romperem com longos anos de silenciamento.





A partir de agora, o objetivo é fazer com que a presença de livros, escritores e leitores interessados na temática africana continue crescendo. Daí a importância de que a estante receba mais publicações, principalmente de títulos que tratem da realidade dos negros e negras nos diversos municípios do Paraná. O desejo do diretor da BPP e também dos doadores da coleção é que, dentro de alguns anos, este acervo ocupe um espaço ainda maior na instituição, de acordo com a importância da produção cultural negra no Estado.

Em tempos em que os livros que denunciam a crueza do racismo na sociedade brasileira continuam a ser alvo de perseguições e censura — acaba de acontecer com *O Avesso da Pele*, obra de Jeferson Tenório, ganhadora do Prêmio Jabuti de 2022, retirada das bibliotecas de escolas públicas em três estados — a estante é, além de um gesto de reparação histórica, uma garantia de acesso livre e democrático ao conhecimento. E é, também, um convite ao diálogo entre todas as pessoas, negras e não-negras, que reconhecem o poder das palavras na construção da empatia, do respeito e da igualdade.

Escolham seus livros, sentem-se. Maria Águeda tem muito a dizer. 🕻



Cristine Pieske vive e trabalha em Curitiba. É jornalista e pós-graduada em Museologia pela Universidade Nova de Lisboa. Pesquisa temas relacionados à memória coletiva e seus mecanismos de transmissão, acessibilidade cultural e direitos humanos.

# In Maria Águeda Nacia Águeda Na

Cristine Pieske

A Estante Afro leva o nome de Maria Águeda, símbolo na cultura afro-paranaense, com a intenção de homenagem, memória e continuidade de ações representativas

Sua existência tinha tudo para ter sido anônima e logo esquecida, mas Maria Águeda fincou os pés na história por um ato de rebeldia: ousou dizer "não" a quem, vendo a cor da sua pele, quis lhe dar ordens acreditando tratar-se de uma escravizada. Ainda que efetivamente fosse uma mulher livre, e que sua recusa apenas afirmasse essa condição, sua resposta foi considerada uma ofensa à honra. Foi mandada para o tronco, a ser amarrada pelo pescoço e pelos pés, e acabou presa.

Aconteceu em 1804, no centro de Curitiba, em frente da então Igreja da Matriz. Duas mulheres que faziam parte da alta elite local — uma delas casada com o capitão-mor da Vila de Curitiba e outra com o tenente-coronel — aguardavam o início da missa quando foram presenteadas com um pequeno aquecedor a carvão, entregue às duas senhoras por uma moradora da vila. Foi ela que teria dito a Maria Águeda, que no momento apenas passava pelo local, que fosse buscar brasas para que pudesse demonstrar o funcionamento do fogareiro. Ao negar-se, já que não tinha nenhuma relação com tais pessoas, instaurou-se a discussão. Mais tarde, no mesmo dia, Maria Águeda foi detida.

O episódio foi registrado num documento oficial da época e é recontado pelo Doutor em História e professor da Universidade Federal do Paraná, Magnus de Mello Pereira, num dos capítulos do livro *Curitiba e seus Homens-Bons — Espaço e Sociedade na Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais*, disponível na Seção de História e Geografia da BPP. Nele, o historiador traz à tona o caso envolvendo Maria Águeda para analisar a importância da nocão de honra na sociedade de então, e de

como o castigo de ser amarrada ao tronco, tão comum para escravizados, foi ditado para que sua punição a expusesse à humilhacão pública.

Maria Águeda teria entre 25 e 28 anos na época e era casada com Salvador da Silva, com quem teve três filhos. Moravam no bairro rural de Tinguiquera, atual município de Araucária. Ao ser detida e conduzida até em casa, conta-se que o soldado que a acompanhou teria perguntado se ela sabia quem eram as senhoras a quem havia ofendido, certamente desejando fazê-la consciente do seu enorme atrevimento. Como descreve o professor Magnus Pereira, a resposta de Maria Águeda foi clara: disse que as conhecia muito bem e que não havia proferido nenhuma ofensa. "Desavergonhada", foi como o soldado a qualificou depois dessa frase.

Os relatos seguintes dão conta de que quando o castigo de ser posta no tronco foi anunciado, seu marido teria se oferecido para ir no seu lugar, já que ela ainda amamentava uma das crianças. Tudo indica que ela escapou ao castigo físico, mas as versões divergem sobre o que realmente aconteceu com Maria Águeda na cadeia, se teria ficado presa apenas uma noite ou vários dias. Nos anos seguintes perde-se seu rastro. Mas não se perdeu a dívida de resgate da memória de uma das primeiras vozes da resistência negra de que se tem notícia no Paraná. Recebe agora, na Biblioteca Pública do Paraná, uma justíssima homenagem.



# Prateleira:

Os 10 livros mais emprestados da Estante Afro Maria Águeda



### Mitologia dos Orixás

Reginaldo Prandi (Companhia das Letras, 2003)



Mulheres, Raça e Classe

Angela Davis (Boitempo, 2016)

Trad. Heci Regina Candiani

O Povo Brasileiro —

A Formação e o Sentido do Brasil

Darcy Ribeiro (Global, 2015)



A Experiência dos Orixás — Um Estudo sobre a Experiência Religiosa no Candomblé

> Volney Berkenbrock (Vozes, 2007)



Um Defeito de Cor Ana Maria Gonçalves (Record, 2019)



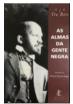
Água de Barrela Eliana Alves Cruz (Malê, 2016) Abolição — Uma História da Escravidão e do Antiescravismo Seymour Drescher (Editora Unesp, 2011)



Umbandas —

Uma História do Brasil Luiz Antonio Simas (Civilização Brasileira, 2021)

História Social da Beleza Negra Giovana Xavier (Rosa dos Tempos, 2021)



As Almas da Gente Negra W.E.B. Du Bois (Lacerda Editores, 1999) Tradução Heloisa Toller Gomes



# sobre-minha

### Teresa Urban

por Gunther Furtado

O jornal *Cândido*, a partir desta edição de março, inicia a série Mulheres contra a Ditadura, em que conta a história de brasileiras que participaram ativamente contra o Golpe de 1964, que completa 60 anos em 2024.

Este episódio nefasto da História do Brasil, que durou entre 1964 e 1985, continua deixando marcas nos processos sociopolíticos do país. O assunto, ainda pouco debatido, invisibiliza a luta dessas pessoas por um Brasil democrático. Principalmente as mulheres, que ainda sofrem um apagamento histórico, dentro de uma sociedade patriarcal, que não destaca nem debate o papel fundamental na luta contra um regime autoritário, que cometeu inúmeras atrocidades.

Para que essa memória esteja na pauta, potente e pulsante, a nossa primeira homenageada é a jornalista Teresa Urban (1946-2013), que deixou um legado que jamais deve ser esquecido, com um texto escrito por seu filho, Gunther Furtado.



A primeira coisa que eu lembrei quando a Maricota (como a minha mãe chamava a Marianna Camargo) me pediu este texto foi da resposta que eu dei a uma repórter que ligou para o telefone da Dona Teresa no meio do velório buscando uma frase sobre a morte: "Quem morreu foi minha mãe", disse meio irritado. Naquela hora eu não tinha muito como responder (até peço desculpas pela irritação). A figura pública era minha mãe e, ainda que muitíssimo misturadas, a mãe morreu maior.

Mas as pessoas são novelos. Há fios que se encompridam e enroscam e fazem nós. Nós somos feitos de muitos emaranhados. Bem, Teresa tinha mais fios para emaranhar e sempre achava mais um: foi do movimento estudantil, presa, torturada, exilada, condenada, apenada, presidiária e "noviça"; morou no campo para conhecer o mundo real e conscientizar as massas; foi jornalista no Voz do Paraná, Veja, Jornal do Brasil, Estadão/JT e provavelmente algum outro que devo ter esquecido; foi ambientalista, fez livros, contou histórias; pensou cidades e fez mais livros. De novo o velório: fios de todas as cores, falas de todos os assuntos, de todas fases, pessoas que se conheceram lá e que tiveram relações igualmente intensas em cada tema. Tão intensas, que cada tema parecia o único.

Em uma das vezes em que foi presa na década de sessenta, na qual ficou em cela de onde podia ver a cela das prostitutas, é que a percepção que definiu o jeito de pensar o Brasil tomou o contorno definitivo: a violência que recaiu sobre quem divergia da ditadura era basicamente a mesma de sempre para quem era do andar de baixo. Ampliou-se a uma variedade maior de vítimas o método autoritário brasileiro de desde sempre.

Medo, o que mais sentimos foi medo. Encharcados. Atolados. Quando vivíamos na Coronel Dulcídio, lá por 78, um ano antes ou depois, o Comando de Caça aos Comunistas mandou um Cartão de Natal com uma caveira dizendo "vamos te pegar!". Fui eu que abri. Para ela, o pior foi ter sido eu a ter aberto: eles ganhavam sempre, conseguiam nos deixar com medo. Mais de vinte anos depois, após redemocratização(?!), ainda era possível ouvir os cliques da escuta no nosso telefone. Mais vinte anos e Teresa descobre que a anistia não era assim tão irrestrita: a condenação dela impedia que ela emitisse um atestado de bons antecedentes... o Estado havia esquecido de anistiar essa parte. Sola foi com sua pena... morreu sem ter bons antecedentes..

Medo é o que a gente sente, mas a vida é como convivemos com ele. Fez muita festa, festa de todo tamanho. Já que a vida já não podia ser normal, não foi. No dia 26 de março, fez 78 anos que Teresa nasceu e foi bem essa a velocidade em que vivia: 78 rotações.

Medo, às vezes ficava mais forte. Quando a geração-que-vem chegou, a dos anos 2010, com os escrachos e pesquisas para que nunca mais se esqueça, o medo voltou com força. Medo de que as "crianças" não tivessem noção clara do que os esperava, caso a natureza estruturalmente autoritária da sociedade brasileira rebrotasse nas rachaduras do verniz de civilização em que vivemos, "brincando" que o inferno, não, não é muito mais perto da superfície.

Quando o menino Ismael foi preso e torturado simplesmente porque estava no lugar errado na hora errada, mais uma rachadurazinha no verniz, Teresa escreveu-lhe uma carta e falou do que o medo faz no comecinho: de como a brutalidade da tortura aturde e destrói o modo como a realidade se apresentava. Disse de novo na carta que o método autoritário nunca foi desconfigurado para quem está abaixo do verniz. Já estava lá antes de 1964/1968 e continua aqui, como vimos e vemos com os personagens e configurações atuais da nossa política tropical cada vez mais quente.

E para falar das flores, Teresa acreditava na impossibilidade da humanidade escolher a autodestruição se estivesse informada o suficiente. Se muita gente soubesse o que estava em risco se o avanço sobre o território sem gente branca e rica não fosse freado, o mundo mudaria o jeito de tratar o planeta. Sendo a Teresa como era, não estaria viva se não brigasse, mas escolheu a briga de informar sobre meio ambiente porque achava que não era território em que o medo fosse assim tão forte. Foi. Apanhou, de novo, por cuidar da água e por criar parques. Não se pode evitar.

Seja quando brigava por um mundo de mais justiça ou por um cuidado maior sobre o planeta ou para que a ciência fosse base para qualquer decisão coletiva ou para que o coletivo fosse base para decisões políticas ou sobre alguma outra briga que brigou, vivia o que a movia, sempre gostava de crianças e de futuro.

**Gunther Furtado** é servidor público e economista, nascido e criado em Curitiba, com breve período de "exílio" no Chile. Trabalha na Defensoria Pública do Estado do Paraná.

# naus

Susy Freitas

por Luiz Felipe Cunha

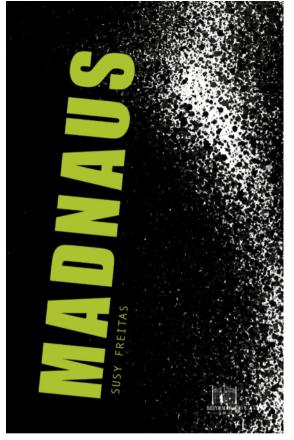


Estreando na prosa curta com *Madnaus*, a manauara Susy Freitas é aversa a textos puramente panfletários e adverte: "Não subestime escritores amazônidas"

A Manaus proposta por Susy Freitas, em seu recente *Madnaus*, lançado em março pela editora Reformatório, foge dos estereótipos (rios, florestas, pobreza) e apresenta uma cidade caótica, pulsante e, por vezes, psicodélica. Em "White tears", por exemplo, publicado primeiramente na edição 143 do *Cândido* e que abre o livro, temos uma dupla composta por uma mulher e um homem indígena que estão empenhados, como verdadeiros artistas, na produção de um lisérgico potente — e único — a mando do excêntrico Senhor K. Já no conto que dá nome à obra, duas senhoras sobrevivem em um cenário pós-apocalíptico, ao melhor estilo *Mad Max*, tentando manter viva uma pequena planta chamada Vó.

São narrativas alucinantes, com referências musicais e cinematográficas, costuradas com uma escrita envolvente ou, como diz Fausto Fawcett: "Uma escritagrimório que lida com encantamentos e desencantamentos, sortilégios e feitiços de fetiches, mas não de uma forma caricatural, como anda em voga, explorando um xamanismo ancestral cheio de fundamentalismo identitário. Nada disso."

Madnaus também marca a estreia de Susy na prosa. Antes disso, publicou os livros de poemas Véu Sem Voz (Bartlebee), Carrego Meus Furos Comigo (Urutau) e Alerta, Selvagem (Patuá), que venceu o Prêmio Literário Cidade de Manaus. Essa produção atesta a sua relação promíscua com a literatura, já que transita por gêneros como a poesia e a crítica de cinema, como disse na entrevista.



Capa de *Madnaus* (Reformatório, 2024)

### Como nasceu o livro Madnaus?

Desde 2017, eu vinha rascunhando, sem muito compromisso, alguns contos. O Daniel Amorim, um contista manauara muito bom, fazia leituras críticas deles e me incentivou a continuar. Posteriormente, na pandemia, essa produção se tornou regular devido a participação no laboratório de escrita do Ronaldo Bressane, que passou a ser online. Com o tempo fui identificando temas e padrões surgindo nessa escrita, de forma a

apontar para a possibilidade do livro, que nasceu de fato durante esse processo de organização de originais. No geral, foi um livro muito menos planejado e muito mais instintivo do que parece.

O Amazonas, assim como outros estados do Brasil que fogem do eixo Rio-São Paulo, sofre com uma série de estereótipos: floresta, rios, chuva, indígenas, pobreza, etc. Alguns desses elementos estão presentes em seu livro, mas com novas camadas e outras propostas. O que pensa sobre isso?

> É uma visão bem empobrecida e limitada essa que o mercado literário nos impôs por muito tempo, e que, ironicamente, reproduz uma lógica midiática também empobrecida e limitada, a partir da qual, basicamente, a pluralidade da Amazônia e das nossas vivências é negada, pois sim, somos floresta, rios e indígenas, mas estes elementos são muito mais ricos do que se supõe, e se mesclam com muitos outros, o que é bem explícito em um espaço de Amazônia urbana, como o que foco em Madnaus. Hoje, me pego refletindo bastante sobre quais Amazônias cabem nessa lógica de mercado (literário ou não), como esses preconceitos se remodelam, e qual o papel da literatura nisso. Até agora, tenho duas certezas: a primeira é que só publicar nortistas não é o suficiente; precisamos de revisores, editores, tradutores, críticos, pessoas dentro dessa cadeia nos mais diversos setores, do marketing ao gráfico, para talvez encontrar vias de mudança. A segunda certeza é: não subestime escritores amazônidas, porque tem bastante coisa boa sendo produzida por essas bandas.

No livro você agradece outro escritor, o Daniel Amorim, por te apresentar e, de certa forma, incentivar na escrita dos contos. Como isso aconteceu? O que pensava do gênero e o que te fez seguir por esse caminho?

Daniel é um leitor voraz de latino-americanos e um fantástico escritor de contos (que, como vários escritores fantásticos, tem uma resistência a se autopromo-

ver — outro ingrato ofício que precisamos adicionar ao "currículo" para angariar leitores). A aproximação com ele começou com os bate-papos sobre livros, que deslocaram minha atenção aos poucos dos romances e do cinema (que eu consumia até mais que a poesia) para o conto. Daí para a vontade de escrever contos foi um pulo, posto que eu já teria um professor e leitor beta implacável. A coisa avançou um pouco também como brincadeira, uma vontade de ver ele "quebrar a cara", sem ter problemas a apontar num texto meu, até eu perceber que a prosa me dava algo que a poesia parecia não conseguir mais abarcar. Talvez uma dureza específica, que encontrou encaixe com o que vem sendo viver no Brasil desde 2016.

# Fale sobre a participação do Ronaldo Bressane no livro. Qual a importância das oficinas e do olhar dele para os seus contos?

Se Madnaus fosse uma criança, Ronaldo seria o padrinho que banca a festa de 15 anos. Ele incentivou, orientou e praticamente me obrigou a enviar os contos para a seleção da editora, enviava mensagens para eu cuidar dos detalhes da capa, surgiu do nada me falando que Fausto Fawcett havia feito a linda orelha do livro... Até hoje fico chocada com sua generosidade para com o livro, mas principalmente pela postura aliada que ele teve com a minha escrita e com os temas e vivências próprios daqui "de cima", quando poderia facilmente moldar essa escrita para se adaptar ao que os "daí de baixo" consideram ideal. Ele e os colegas de oficina foram tanto adoráveis quanto brutais nas leituras da majoria dos contos deste livro, amplificando o que o Daniel fazia anos antes, e que hoje vejo como essencial para o desenvolvimento da minha escrita. Neste sentido, quem tem a sorte de ter seus textos lidos, comentados, elogiados ou trucidados por leitores tão bons, não tem o que reclamar de oficina literária. E quem está atrás de elogios vazios para textos rasos, bem, dizem que também há oficinas para isso, só não a do Bressane.

Pode citar algum tipo de atividade proposta durante a oficina e que conto essa atividade gerou?

O conto "Bacchanalia", por exemplo, foi escrito a partir da leitura e debate do "O homem-mulher", de Sérgio Sant'Anna, e a atividade proposta era escrever tendo o carnaval como elemento central. Por vezes, o tema de um conto-base gerava a atividade, e outras vezes seria a estrutura desse conto, a quantidade de cenas ou a predominância do diálogo, por exemplo. As propostas são bem variadas.

Uma coisa que me intriga é como um autor(a) chega ao título de um livro. O que o conto "Madnaus" carrega de tão significativo para você nomear toda a obra?

> O conto "Madnaus" originalmente chamava "A cidade de Hellnaus", o que lembrou a Bellhell de Edyr Augusto, embora não tenha sido proposital. Por conta disso, Bressane sugeriu mudar, o que me levou a cunhar esse "Madnaus" como uma corruptela de Madchester. termo usado para descrever a cena de rock alternativo de Manchester na virada dos anos 1980 e 1990. Sua atmosfera caótica, inspirada pela psicodelia, e o fato de Manchester ter, dentro desse contexto, uma imagem de cidade mais underground, me deu a impressão de curioso encaixe com a forma como eu vinha retratando Manaus nos contos que escrevia. Foi aí que percebi que poderia ter um livro com uma espinha dorsal clara, e que ele seria uma declaração de amor e ódio à cidade onde nasci, onde vivo. De onde mal posso esperar para escapar e, quando escapo, mal posso esperar para voltar.

Uma das características dos seus contos é o uso de trechos de músicas, como nos contos "White tears", "Nick, a stripper", "Os homens já não te protegem mais", "Dead city", entre outros. O que acha dessa intersecção da música e literatura? O que esse recurso tem a oferecer na narrativa?

A música para mim é um dispositivo de transe, mas

também de colagem e remixagem, muito central para minha prosa. Estou sempre me controlando para não ser central demais, de tão presente. É comum eu ouvir uma música repetidas vezes, do momento em que sento para escrever até o momento em que a primeira versão do conto é concluída. Foi o que aconteceu na escrita de "White tears", por exemplo, em que ouvi bastante Corinne Marchand. Com "Dead city", foi o contrário: comecei a escrever me baseando num poema que fiz anos antes, cujos versos também são rabiscados pela personagem. Depois parei e procurei uma música de Patti Smith que me colocasse naquela viagem de ônibus de fato. Já "Nick, a stripper" é basicamente um conto escrito em cima do roteiro do videoclipe da canção de mesmo nome, do Nick Cave & the Bad Seeds. E no caso de "Os homens já não te protegem mais", a canção da Divine foi minha liga temática para unir o grunge e o queer.

### Você escreve ouvindo música? Acha que elas, de certa forma, ditam o ritmo dos contos?

Não tanto o ritmo, mas a atmosfera. Não por acaso cultivei uma *playlist* do *Madnaus* no Spotify por um bom tempo, com as músicas que fizeram parte do processo e algumas mencionadas no livro. Se cito o rio, por exemplo, é impossível para mim não associar a alguma canção de tecnobrega ou guitarrada, que foi a trilha sonora dos passeios de barco nos anos 1990. Já em contos que citam violência, ouvia bastante Lydia Lunch — cuja escrita também me inspira bastante. Enfim, a *playlist* ficou um pouco esquizofrênica.

Antes desse livro de contos, eu a conhecia pelos livros de poesia. Hoje você se considera poeta ou contista? O que te atrai mais em um do que no outro? Fale um pouco como você enxerga esses dois formatos.

Escrever me supre de todas as formas: paga minhas contas num trabalho que nada tem a ver com literatura; e me diverte e ocupa nesse grande terceiro turno

não remunerado que é a literatura. Fora dela, ainda passei anos escrevendo como crítica de cinema (inclusive, já participei de uma edição do *Cândido* como crítica, falando sobre Kubrick). Por isso me sinto confortável em dizer: sou escritora, e uma muito promíscua, que apenas desloca o interesse momentaneamente de um formato para o outro. Eles têm sido para mim um espaço de trânsito, uma estruturação que busco compreender para melhor expressar algo dentro das suas possibilidades, não um fim em si mesmo. Posto isso, é óbvio que o deslocamento da poesia para a prosa, ainda que para o desprezado conto, é visto como a "evolução" de um escritor — uma visão bem besta, mas enfim.

Alguns contos como o já citado "Nick, a stripper" e "Feita mulher" falam sobre a violência contra a mulher, mas de um jeito que a história é mais interessante do que o tema em si. Você me parece ser uma escritora que se preocupa com isso: sobre a narrativa ser mais instigante do que a denúncia. O que pensa sobre essas questões?

Acredito que contar bem uma história pode sim ser uma ferramenta de denúncia. Afinal, gerar impacto com a abordagem do tema, trazer verossimilhança ou imergir o leitor no universo retratado apelam diretamente ao emocional, esse terreno fértil de construção moral e ideológica do indivíduo. Vide aí uma poesia como a de uma Eileen Mylesnou ou uma Adelaide Ivánova, claramente panfletárias e extremamente ricas, para provar que se pode ter o melhor dos dois mundos. O que me entedia são os textos puramente panfletários que se travestem de literatura, pois a má qualidade literária acaba esvaziando as pautas que tratam. A mim interessa escrever uma boa história, e eventualmente isso quer dizer denunciar situações sociais absurdas.

### E como é o seu processo de escrita?

Muito se fala sobre a escrita como técnica e prática. Embora eu tenha conhecimento e apreco a essa perspectiva, para mim ela tem, também, um viés mágico: muitos contos do livro foram escritos em sonho e depois transpostos e retrabalhados ao acordar; em aulas do laboratório de escrita, enredos surgiam em questão de segundos após apresentada a proposta de produção textual. Gosto de escrever tudo "dentro da cabeça" antes de escrever no papel, com todos os detalhes, viradas e atmosfera bem definidas quando o texto chega no papel. Também adoro escrever sob pressão, com prazos curtos. A máxima popularizada por David Lynch, segundo a qual as ideias estão apenas vagando no ar, esperando serem fisgadas, é real para mim, pois muitos contos eu não tenho a mínima ideia de onde vieram, apenas apareceram e eu precisei escrevê-los.

## Qual foi o conto mais difícil de ter escrito, aquele em que você mais bateu cabeça para finalizar, e qual o motivo da dificuldade?

Nenhum foi difícil de ser escrito, mas o conto-título foi difícil de ser lido em voz alta a primeira vez. Não consegui finalizar essa leitura. Ele foi produzido para o laboratório de escrita pouco tempo depois da segunda onda da Covid-19, quando ocorreu a crise de oxigênio em Manaus e quando perdi minha avó para a doença de maneira brutal, e eu definitivamente não tinha processado o que vi nos hospitais, nos corres de oxigênio madrugada adentro e em casa. Talvez por isso esse conto tenha pinceladas distópicas e *sci-fi*; elas pareciam ter mais sentido que a realidade.

Fale um pouco mais sobre o conto "Madnaus" — ele me lembra aqueles filmes pós-apocalípticos, como *Mad Max e Eu Sou* a Lenda. Qual a inspiração do conto? O que pretendia fazer?

Acredito que ele veio de um lugar de muita raiva em mim, haja vista o luto e meu estado físico e mental debilitado na época, pós-segunda onda da Covid em Manaus. Naquela época, você sentia o cheiro da morte quando andava pela madrugada atrás de remédios ou oxigênio. Era muito palpável. Nos hospitais, pior ainda.

Passei meses tendo pesadelos com eles. Era uma precariedade absoluta. Ao mesmo tempo, quando a coisa arrefeceu um pouco, era preciso colocar todo o trauma de lado, senão seria impossível fazer qualquer outra coisa além de revivê-lo, já que parecia impossível processá-lo. O conto nasceu aí, dessa impossibilidade, misturando elementos absurdos do que eu testemunhava e vivia: as lembrancas do cuidado das mulheres durante a pandemia, o negacionismo encabeçado pelos homens (apaixonados que são pela misoginia da extrema-direita que comandava o país e que até hoie inspira a política em Manaus), o desejo de vingança pelos que se foram, lembranças desconexas de programas de tevê dos anos 1990 como Xena, a Princesa Guerreira ou o sangue fake dos Contos da Cripta, as flores do jardim da minha avó... não foi algo que eu planejei escrever, foi como deu pra fazer. E também não foi nada terapêutico.



# Domingo da Ressurreição ou da Menina Síria سوريا

A menina estuda no campo de Za'atari
"Para Sírios refugiados" diz a placa.
A menina do campo de Za'atari
Será que apreende sua localidade?
Sentada sobre a Jordânia,
ao lado da Arábia Saudita,
acima do Iraque, الأردن
a Síria eclode ao norte,
Israel e Palestina ao oeste,
o mar Vermelho ao sul.

A menina aprende em Za'atari lições que a mente encandeia: bichos, cores, números, fábulas. A menina do campo de Za'atari. Será que prevê essa habilidade?

Uma cabeça sobre uma cabeça.
A sentença sobre o que se sentou.
O silêncio da atenção, sem intenção.
A tempestade na cadência da memória parece fazer com que ela até flutue, pois a menina avança com o lápis.

Sentada sobre a Jordânia ela, de repente, finalmente sabe ler: "Para Sírios refugiados". للاجئين السوريين

#### Sobre os calabouços mineiros

In memoriam aos rostos de Mariana e Brumadinho

Marrom é o lamaçal pelas paredes. Imagino sem querer a minha serra, a serra daquela mãe e da sua avó, de todos os Andrades que passam e passarão, na serra que não passa.

É estranho recompor a paisagem:
o arroz na panela, o trago na piteira,
o bebê no berço, o sal no pote,
o sofá e a cadela, o pote das moedas,
a borracha do chinelo, a água na chaleira,
o prato debaixo das mãos, a cadeira vaga,
no grito mais alto do mudo que vem dali,
mais alto que o sentimento do mundo.

Um cheiro de passado esvaído com os defuntos escorados na avalanche, mas a boca ainda se abre, a boca engole lama nos olhos deles, são abelhas picando o ar, os corpos mortos são estátuas à deriva no museu nacional do esquecimento.

O tranco no peito é natural pelas boias feitas de madeira, eles querem o socorro rachando soltos nos sorrisos invisíveis.

Vermelho é o sangue que os circula, mais tóxico que as lições esquecidas. O tempo caindo, o mundo terroso são bonecas grudadas pelo bueiro, Irene no berço, Totó no sofá, uma escova sem os seus dentes, e o sal das lágrimas que o levou.

Um mísero pó de ferro, e este não passa.

#### Jenipapo Makuxi

In Memoriam Jaider Esbell

o direito à terra na tinta natural desliza apenas no tecido devagar por nada temer no meio os dentes de caninos alinhados conformou o rosto teceu as imagens na descida do pajé neon é se arriscar na serra do sol a raposa espreita véxoa o instante adia os olhos guase teme os toques ao querer ser o encanto volto à quando o tempo avermelhava pois a morte laranja convoca por lâminas à dança dos corpos no calvário azulado vazio e esverdeado borrões às pressas in natura de lágrimas flutua no meio de um novo jenipapo

ele sente a língua adormecer com o último respiro do tecido afiado arranca a tela da pintura final pronto como os ossos ao afagar o toque das narinas retoma ao monte roraima sob as tintas então diluídas: venha... dorme.

#### **Avivamento**

Escuro e doce é que desce o fogo-fátuo flutuador, feito foice arde só depois se você de pé resiste sobre a quinta-coluna, sobre essa chama fria.

berros elétricos da perda, astronautas de ladainhas uma declaração de amor se aproxima vagarosa sem a obsolescência está a mil milhas dos seus pés frágeis de qualquer outro ar para crescer e minguar

veja, os cheiros e cascatas dominam nossos astros no pouso dessa terra não há quase gaiolas veja bem, como você voa aos cartões-postais que não existem mais, mas em Morse iá são uma realidade.



Mariana Basílio (Bauru, 1989) é escritora e professora. Autora dos livros de poesia Nepente (2015), Sombras & Luzes (2016), Tríptico Vital (2018), Mácula (2020), entre outros. Seus textos circulam em países como El Salvador, Espanha, México e Portugal. Em dezembro de 2020 recebeu o Prêmio Biblioteca Digital, da Biblioteca Pública do Paraná, pelos poemas de Pangeia: A Etimologia do Ser, impresso pela primeira vez em março de 2024 (Assírio & Alvim, São Paulo).



Só um náufrago sente plenamente a imensidão — trezentos e sessenta graus de mar.

Ao longo do dia, dezenas de vezes rodou à procura do barco que poderia salvá-lo.

Nada, por enquanto.

Nem o vento roda: sempre sudoeste.

Qual a probabilidade de um tubarão aparecer?

A consciência passa rapidamente de questões concretas prementes como esta para outras de uma grande abrangência em que o seu lugar no universo toma uma singularidade única.

Como um grande vaidoso, apenas ele conta no seu precário ecossistema.

De que lhe servem as células da pele não se dissolverem na água salgada, que adianta a vida do seu corpo resistir um pouco mais se a sua localização no meio do oceano é incompatível com um destino?

Afigura-se-lhe um ponto final num poema que não estaria acabado, mas os finais acontecem, inesperados, como os inícios.

Estava numa cena amorosa, um pouco alcoolizado, quando o empurraram.

Sentiu uma lucidez brutal ainda durante a gueda.

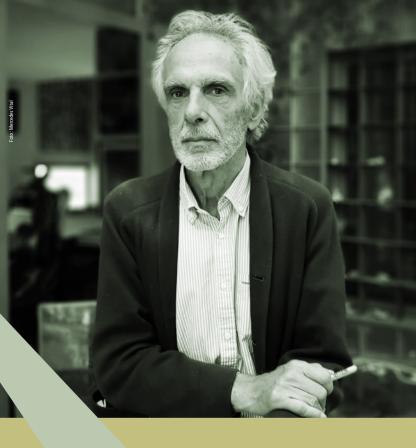
Cerebralmente vence-se o medo (a linguagem fecha-se num ovo de chumbo); o pensável é um indizível trajeto óbvio.

Tenta acreditar que será salvo porque teve merecimento a sua vida e, embora sendo agnóstico, acredita numa ordenação dos acontecimentos na qual a sua existência tem um lugar.

Entretanto, ensaia a minimização dos movimentos necessários à flutuação, a sua consciência, o eixo de uma hélice que faz rodar o mundo num sentido.

Neste momento, ele na imensidão, ainda pensa o sentido, testemunha bem as artificialidades do cérebro.

Não é um órgão com que possamos contar se queremos ser salvos, náufragos no meio do oceano. 《



Nuno Félix da Costa nasceu em Lisboa em 1950, onde vive e trabalha. Psiquiatra, foi professor da Faculdade de Medicina de Lisboa. Publicou, desde 1995, nove livros de poesia, como: *Noutro Sítio* (&etc, 1995), *Agora Nós* (Córtex Frontal, 2012), *Manual Para Ser Humano*, (Cepe, 2021), entre outros de prosa e fotografia.

# As Contestado

Adélia Maria Lopes

#### As mulheres na Guerra do Contestado. Ficcão? Realidade? Paraná. Brasil

O especial Nicolau desta edição é uma reportagem publicada em janeiro de 1990, na edição número 29, assinada pela jornalista Adélia Maria Lopes, intitulada: As Guerreiras do Contestado.

Uma guerra que envolveu militares e forças políticas regionais contra camponeses, no Sul do Brasil, logo após Canudos, pouco antes e durante a I Guerra Mundial. "20 mil pessoas entraram nesse conflito usando espadas esculpidas em madeira cambuí (muito dura), e a elas, com o tempo, se juntaram as temíveis Winchester, contrabandeadas pelos caboclos em sacos de farinha " cita a reportagem.

\*Publicamos todas as edições do Jornal Nicolau em sua versão original, inclusive com o acordo ortográfico vigente na época e a biografia dos autores(as).



Virgens crianças tornadas imbatíveis amazonas. As mulheres na Guerra do Contestado. Ficção? Realidade? Paraná. Brasil.



Foto rara: o monge José Maria com a "virgem" Teodora e sua irmã, mais dona Querubina, esposa de Euzébio

Uma guerra, envolvendo militares e forças políticas regionais contra camponeses envoltos em profecias e por virgens videntes, aconteceu ao Sul do Brasil, logo após Canudos, pouco antes e durante a I Guerra Mundial. Contestado, assim chamada.

Vinte mil pessoas entraram nesse conflito usando espadas esculpidas em madeira cambuí (muito dura), e a elas, com o tempo, se juntaram as temíveis *Winchester*, contrabandeadas pelos caboclos em sacos de farinha.

Para detê-las, seis mil homens do Exército, em nome da República e em defesa da ferrovia *Brazil Railway*, da colonizadora Lumber e de sua serraria (cinco milhões de árvores arrancadas entre 1911 e 1940). Como armas: *Mauser*, granadas, canhões com balas de sete quilos, metralhadoras e a aviação militar, pela primeira vez em operação no país em um conflito armado. O território conflagrado abrangeu 28 mil quilômetros em Santa Catarina e 20 mil no Paraná, perdurando de 1912 a 1916, com o massacre final dos revoltosos (ou "pelados", ou jagunços e fanáticos, mas, na verdade, caboclos brasileiros).

E é justamente a questão da soberania territorial que faz o Contestado remontar a 1494 — antes mesmo da descoberta da Terra de Santa Cruz —, com o Tratado de Tordesilhas. Uma história portanto longa, repleta de detalhes, de misticismo, sangue e lendas. Contudo, jamais alardeada pelo Paraná.

O primeiro resgate da memória do Contestado aconteceu com o romance Casa Verde (1955), do paranaense Noel Nascimento. Antes, apenas os dois volumes do general Setembrino de Carvalho (1916). Há sete meses, o iornalista Milton Ivan Heller (Resistência Democrática, Paz e Terra, 1988) retomou o tema para um livro, mergulhando em incontável bibliografia e depoimentos. Por quê? O Paraná — responde — está em débito com o Contestado, silencioso e envergonhado com a perda de considerável porção do seu território, que se cristalizou com o "acordo" de 20 de outubro de 1916. Os catarinenses, ao contrário, julgando-se vitoriosos em uma questão de limites que se arrastou por 75 anos, sempre procuraram manter viva, na memória de todos, a chama do Contestado, sem dúvida um dos episódios mais controvertidos e sangrentos de nossa história.

Durante uma semana, acompanhei os pesquisadores na coleta de depoimentos em Santa Catarina. Mas eu estava em busca apenas de um capítulo: as mulheres da Guerra do Contestado. Um cipoal de informes desencontrados formou-se no caminho. A história ainda está muito viva, fere e arde. E, às vezes, envergonha aqueles caboclos de pés nus no chão, ainda hoje levando a vida de derrotados, pois a vitória foi do Estado. E guarda muitos mistérios: principalmente em relação às camponesas convertidas em "santas" guerreiras.

Maria Rosa e Teodora são os únicos nomes femininos citados entre milhares de anônimas caboclas da Guerra do Contestado. A história nunca foi mesmo generosa com o sexo feminino. O general Setembrino de Carvalho em seu relatório ao Ministro da Guerra, em 1916. não registra as mulheres em armas. E faria?

Difícil imaginar a pena assinalando que soldados temiam Maria Rosa, uma adolescente de 15 anos. Ou Teodora, de 13. O Museu do Contestado, em Caçador, uma das cidades-palco do conflito, recompõe Maria Rosa em trajes que lembram Maria Bonita do sertão nordestino, aparamentada de rifles e cartucheiras.

Tantos mistérios envolvem Maria Rosa, a "virgem" que tinha visões do monge José Maria e comandava o Exército Encantado de São Sebastião. Não se sabe como entrou, ao certo, na guerra. Não se sabe nem como morreu. Casou-se com um moço alemão, diz Zélia de Andrade Lemos no livro *Curitibanos na História do Contestado*, contrariando todas as fontes que a dão como morta na última batalha.

A virgem visionária morreu em Timbó, não deixou filhos. Atravessava o rio Caçador Grande quando tombou sob saraivada de balas, em abril de 1915, afirma Nilson Thomé, autor de várias publicações sobre o Contestado. Ainda não escrevi em livro essa versão, mas ela é verdadeira. Ouvi pessoas que testemunharam sua morte, assegura, em sua ampla sala de diretor da Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe, em Cacador.

Segundo seus informes, Maria Rosa é grande heroína. Por inspiração própria, ela comandou o Exército Encantado com cinco mil homens. Era guerreira mesmo, pegava em armas. E a descreve como morena cor-decuia, 1,65m de altura no máximo, magra, muito bonita, cabelos compridos e negros (esqueceu-se de perguntar a cor dos olhos à sua fonte), e vestia-se com saias longas. Era uma jovem de seus 15 anos, loira, cabelos crespos, alegre, comunicativa. (...) Rosa era analfabeta, mas tinha o dom da comunicação. Vestia-se, assim como todas as virgens, sempre de branco, com fitas azuis e verdes, bem como pensas de pássaros coloridas, asseveram Marlene Bertoldi e Ester Ostrowski em História da Evangelização na América Latina (Edições Paulinas,

1988), repetindo a descrição de Maurício Vinhas de Queiroz em *Messianismo e Conflito Social — A Guerra Sertaneia do Contestado* (Civilização Brasileira, 1966).

## homem companheiro ela mandava amar; o opositor, mandava refrescar, degolar, hábito muito comum ali

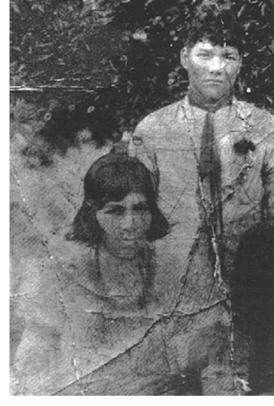
Vinhas acrescenta: Em geral, o povo dos redutos (povoados tipo acampamento dos rebelados) considerava Maria Rosa uma "santa" e julgava que ela "tudo sabia". Cumpria o povo, religiosamente, as ordens que dela emanavam. Era encarada como a representante da vontade do monge, de quem conhecia os secretos desejos. Designava os chefes ostensivos, destituía-os dos comandos. sentenciava. E tinha também certo humor em suas sentenças. Conta o mesmo autor uma dessas passagens: ao analisar o caso de um forasteiro que entrara no reduto em busca da noiva ali refugiada. Maria Rosa resolveu acolhê-lo, porém ressalvando: Se ele ficar companheiro, mando amar ele; se ficar contrário, mando refrescar. "Refrescar" era a gíria de então para degolar, um hábito muito comum ali. Consta que a própria Maria Rosa fazia degolas. Não há relatos precisos se ela realmente batia-se em armas. Há suposições. Numa de suas ordens, citadas pelo tenente Pinto Soares em Guerra em Sertões Brasileiros, ela dá três alternativas em caso de desobediência: primeiro, "um conselho", depois "no marmelo" e terceiro, "matarei". Ou no relatório do general Setembrino: as mulheres que se bateram com os homens foram mortas em combate.

Ou ainda na reportagem do jornal A Tribuna, de Curitiba, 25/12/1913: Um vaqueano Taquaraçu e que esteve com os fanáticos conta que viu mulheres armadas de facão e de pistola, citado por Jean Claude Bernardet em Guerra Camponesa no Contestado (Global, 1979).

## Maria Rosa era loura, bem clara, cabelos soltos, analfabeta, e mandava matar uma barbaridade

Maria Rosa era loura, bem clara, cabelos soltos ao vento, analfabeta não conhecia nenhuma letra, e mandava matar que era uma barbaridade. Assim se recorda Elias da Silva Ribeiro, 91 anos. Mora numa casa de madeira em Monte Alegre, arredores da cidade de Curitibanos. Tinha 14 anos quando deu-se o fanatismo daquelas gentes desassistidas, seguidoras da fé dos monges. Não participou da guerra, nem dos redutos. O irmão, José Maria da Silva Ribeiro, foi tropeiro dos jagunços. Ele, contudo, afirma que foi vizinho da família de Maria Rosa. Passa os dias remoendo suas lembranças caóticas, entre elas a de que a "virgem" obteve refúgio na fazenda de Silvério Bastos, também ali nas redondezas, casou-se com um alemão, teve oito filhos e "morreu rica".

Na fazenda dos Bastos, o filho Sebastião, de 75 anos, diz que Maria Rosa foi adotada, passou a se chamar Rosa Alves Ribeiro, casou-se e foi morar em Pouso Redondo, perto de Rio do Sul. Mostra a foto de uma mulher sorridente rodeada de filhos, ao lado do marido de descendência alemã. Em Pouso Redondo, as filhas de Rosa desfazem o equívoco. Nascida em 1910, Rosa era uma crianca durante o Contestado. Está sepultada ao lado do marido, Cristiano Westphal, no cemitério de Pouso Redondo. Mesmo assim, devido ao lançamento do livro Curitibanos na Guerra do Contestado, essa família tem sido erroneamente citada em reportagens. Mas Rosa — constatação comprovada agora nesta pesquisa — não é a mesma Maria Rosa: nem idade, nem fotos, nem relatos confirmam a versão. Na escola chegaram a me chamar de neta da jagunça, recorda Juliana. Sua mãe, dona Alzira, uma funcionária pública aposentada, desconhecia até mesmo detalhes do Contestado. Ao saber, entretanto, das origens e das razões da luta, ela fez um comentário inesperado: Mas esta situação de exploração do povo ainda não acabou. Outra guerra dessas pode acontecer de novo.



A Rosa que casou com o moço alemão: morena. Não é Maria Rosa.

Maria Rosa de Souza nasceu, viveu, combateu e morreu em áreas que até 1916 eram terra de ninguém — por questões de limites entre Paraná e Santa Catarina. Sem lei, sem médico, sem padre. Os "coronéis" brigavam entre si para definir seus poderes. Nessa definição, os posseiros ficavam com a pior parte: eram expulsos de suas roças. A região contestada abrigava desde caboclos a foragidos da Justiça, como também imigrantes europeus chamados por D. Pedro II, em fins do Império, para dar prosperidade à região. Os caboclos passaram a ser espremidos dos dois lados.

Para ali chegaram também perto de dez mil homens (até presidiários) recrutados de vários estados para a construção da ferrovia União da Vitória — Marcelino Ramos, que cortou o Contestado de ponta a ponta. A *Brazil Railway* recebeu a concessão de 15 quilômetros de cada lado dos trilhos, contratou oitenta cowboys armados, e o processo de expulsão de posseiros, pequenos e até médios proprietários, vingou. Terminada a ferrovia, os turmeiros ferroviários foram simplesmente despedidos, e nem a promessa de retomo às suas cidades foi cumprida (o responsável direto por essa situação foi Percival Farquhar, o mesmo da *United Fruit* da Guatemala, do filme *Queimada*). Imigrantes, caboclos, ex-empregados, proprietários deserdados, todos acabam se envolvendo na querra.



#### inspirado em Carlos Magno e os doze Pares de França, José Maria criou seus Pares de Caboclos

Um campo inóspito para se viver, mas fértil para acolher curandeiros, milagreiros, profetas e visionários. Surgem três monges: dois João Maria seguidos de um José Maria. Em 1911, desponta a figura de José Maria, um monarquista, o último dos monges. Inspirado nas aventuras de Carlos Magno e os Doze Pares de França, também cria seus doze pares: 24 caboclos fortes armados de espadas de pau, guiados pela fé em Deus e em São Sebastião. E organiza procissões onde a figura das "virgens" ganha relevância: À frente, abrindo o desfile, vinha o monge, arompanhado pelas "virgens", depois as mulheres casadas sem filhos e, encerrando o cortejo, os homens e meninos, levando aqueles as suas armas. descreve Vinhas.

Maria Rosa, Teodora, Conceição, Antoninha e Maria do Carmo são alguns nomes que a história guardou dessas adolescentes que significaram o ideal de uma sociedade de iguais, além das divisões de classes, raças, homem x mulher, nas palavras de Marlene Bertoldi e Ester Ostrowski, que ainda descrevem: No Contestado, a mulher, ainda nesta submissão secular, é encontrada

trabalhando duro na roça, nos afazeres da casa, na preocupação da educação dos filhos, na organização da Cidade Santa, superando muitas vezes o homem, na paciência e resistência que lhes são características.

O interessante é que a mulher cabocla, a resignada e obediente, assume o papel de porta-voz dos poderes celestiais, sob os auspícios do monge, que as toma como coadjutoras. Com a morte de José Maria, na batalha do Irani (1912), elas — e aí são citadas Maria Rosa e Teodora — passam a chefiar os chamados redutos e até a liderar combates, conforme relato de Enrique Ruiz Maldonado, citação da revista *Ciência Tomista*, de abril/setembro 1974.

## as Mata Haris do planalto catarinense embrenhavam-se no mato e voltavam informadas

Nessa organização social havia as parteiras, as benzedeiras, as lavradoras e, durante os conflitos, as "Mata Haris" do planalto catarinense. Elas embrenhavam-se nos arraiais, entre soldados e fazendeiros, e quando retornavam aos redutos informavam posições militares e de ataques: reconhecido serviço de espionagem.

Essas mulheres, homens e crianças foram personagens de um dos mais trágicos conflitos armados do pais, comparável apenas a Canudos. Um dos grandes levantes em que as tensões sociais foram revestidas pelo fanatismo religioso — o motor de arranque para a luta travada no Paraná e Santa Catarina. Uma grande guerra — não só pela dimensão territorial abrangida, como também pelo envolvimento do Exército (um terço de seu efetivo da época, do qual não há registro preciso) e pelo número de mortos (de oito a oitenta mil).

Numa paisagem de pinheirais e erva-mate, o nome de Maria Rosa passa a ser citado por historiadores, já como líder do reduto de Caraguatá, terras próximas a Curitibanos. Era filha do lavrador Elias de Souza, o Eliasinho da Serra. Não há registro de como ela começa a exercer a liderança, mas há referências de que os comandantes dos fanáticos, quando entram no lugarejo em 1913, um ano após a morte do monge José Maria na batalha do Irani (então no Paraná), a encontram no comando, já com a existência dos Doze Pares de França.

Com 11 anos de idade em 1912, Teodora, órfã de lavradores, começa a dar forma ao reduto da *Cidade Santa* de Taquaruçu, para onde leva o povo com a liderança de seu avô, Euzébio Ferreira dos Santos. Morava ela no arraial de Perdizes Grandes, quando diz ao avô ter tido visões do monge, que ambos conheceram em vida. *Teodora era uma pequena mameluca de impressionantes olhos azul-esverdeados, grandes e fulgurantes*,



Teodora em foto de família: a "virgem" dos olhos azuis.

descreve Vinhas, que a conheceu pessoalmente em 1954, em Lebon Regis, quando da entrevista para seu livro

As forças do governo destruíram Taquaruçu, após dois ataques. Teodora, mais o avô e liderados seguiram ao encontro de Maria Rosa em Caraguatá, de cuja batalha saíram vencedores. Porém, Maria Rosa decidiu sair dali para Pedras Brancas, a vinte quilômetros de distância. Vinhas descreve a seguinte cena: Formou-se um cortejo de umas duas mil famílias e seiscentos bois, arrebanhados nos últimos tempos, tocados à frente. Maria Rosa, no meio de cem cavaleiros armados, de winchester, encabeçava a incomum procissão.

Lebon Regis, cidade de 13 a 14 mil habitantes, segunda maior produtora de maçã de Santa Catarina, se arrasta no tempo, na maior pobreza. Peguena, porém cercada de favelas. Tem 31 anos de emancipação política, mas é regida como feudo particular de políticos. O "pastor" Davi Miranda tem ali milhares de adeptos. As casas não-faveladas são pequenas, de madeira, as ruas são poeirentas. Grande parte de seus moradores viveu na época do Contestado. As mulheres trazem longas e grisalhas tranças nos cabelos. Os homens, embora altos e louros, envergam-se sobre pés rachados da lida na lavoura. Mãos rugosas. Moram, por ironia, na cidade batizada em homenagem ao homem — então secretário-geral do governo de Santa Catarina que ordenou às forças que bombardeassem Taquarussú, pela segunda vez, causando uma chacina de velhos, crianças e mulheres.

Ali mora também João Ventura, 91 anos, tocador de tambor nas procissões de Maria Rosa e filho de Chico Ventura (Francisco Paes de Farias, um dos comandantes dos redutos). Aos 12 anos de idade ele estava na guerra. Hoje, vive da aposentadoria do Funrural, ao lado da segunda esposa — total de filhos criados: 22. O Contestado começou na minha casa; recorda-se então do reduto da Cidade Santa de Taquaruçu, para onde o monge José Maria retornaria com seu Exército Encantado para comandar seu povo. Ele diz não se lembrar de uma caminhada tão longa como a citada por Vinhas. Mas recorda-se de Maria Rosa sob o comando de uma marcha de Caraguatá a São Sebastião, uns cinco ou

seis quilômetros. E eu, lá atrás, tocando tambor. O povo de dantes era mais sincero, tinha crença. Não é igual ao de agora. O respeito de dantes era outro e o povo aceitava ser comandado por meninota. Agora não existe mais respeito. É um povo largado. O prefeito não segue direito, a polícia não segue direito, o delegado não corrige nada.

## as "virgens" davam as ordens. Homem que mexesse com elas morria na hora. Tinha disciplina

loão Ventura viveu toda a guerra, até os 16 anos. O pai atuava como administrador dos redutos. Meu pai era uma espécie de chefe, tinha uns 400 homens que acompanhayam ele. Meu pai era muito neaociador, o maior que já conheci. Quando começou a cidade de Blumenau ele puxava tropa de gado para fornecer aos alemães. A aente morava em Cutiribanos auando avisaram aue o monae ja aparecer em Taguarucu e nós fomos. Meu pai deu ao reduto 400 bois. Diz ele que Teodora, o avô e o tio Manoel Euzébio dominavam o povo. Teodora, ele se recorda bem, foi morar em Lebon Regis. Mas de Maria Rosa, nada sabe sobre seu destino após a guerra. As "virgens" davam as ordens. No comeco era bonito: muita procissão, a cavalaria branca, o maior respeito com as mulheres; homem que mexesse com elas era morto na hora. Havia muita disciplina, as crianças rezavam à noite, com handeirinhas e velas nas mãos.

João Ventura foi conhecer Maria Rosa em Caraguatá. Era muito bonitinha. Ela e a Teodora dormiam na sala da casa. E minha sentença era tocar tambor em ritmo de marcha quando os homens iam pra batalha. Eu não podia entrar nas batalhas, só em último caso. Pra isso eu levava um revólver e uma espada. Não matei ninguém, mesmo depois que virei Par de França, porque fiquei com dor de dente, então eu não fui. Meu irmão, o único que tive, o Guilherme, matou muito soldado.

Os comandos dos redutos vão morrendo em escaramuças. Maria Rosa já não exerce grande influência.

Surge como chefe Adeodato Manoel Ramos. Se o Adeodato não fosse burro, o negócio do fanatismo ia crescer muito, diz Ventura, argumentando: O Adeodato não soube levar as coisas, começou a matar os próprios companheiros. Foi ele, e não as forcas, que acabou com o fanatismo. Nas vizinhancas de João Ventura mora a prima de Teodora, com guem conviveu já fora do reduto, depois da guerra. Dona Mariguinha Pancada, o apelido daguela mulher de vestes até os pés, trancas grisalhas a cair nos ombros. Ela não revela as confidências que Teodora podia ter-lhe feito na juventude. Fica a defender a prima: Maria Rosa é o demônio. Teodora é santa. O Adeodato era um bandido. Tanto fala mal que sua neta adolescente, Neide Santos, chega à janela da mísera casa e reclama: — Ó, vó, não fale assim dos mortos. E do ieito que as coisas estão logo vem aí um novo Adeodato.

A cerca de mil quilômetros de Curitiba, bem distante da área um dia contestada, na cidade gaúcha de Cruz Alta, mora Davina Domingues dos Santos, 66 anos. É a filha mais velha dos oito filhos dos dois casamentos de Teodora. Alguns moram em Curitiba, um em São Paulo e Davina, que passou a vida toda com a mãe em Lebon Regis, há oito anos mora em Cruz Alta. No entanto, ela revela que só soube da participação da mãe na Guerra do Contestado aos 16 anos: Quando eu me casei, minha mãe contou tudo. Ela achava que a gente era muito criança pra saber. E minha mãe tinha muita vergonha daquilo tudo.

Teodora viveu a guerra dos 11 aos 14 anos. Foi morar com o tio Antonio Ferreira dos Santos, pai de Mariquinha Pancada. Foi forçada a se casar com um viúvo que já tinha dez filhos. Ciumento da beleza de Teodora, que realmente tinha os olhos incrivelmente azuis, o marido a trancava em casa. O casal morava em Faxinal, onde meu pai vendeu as nossas terras de Caraguatá a troco de toucinho, antes da mudança para Lebon Regis. Teodora ficou viúva quando Davina tinha 10 anos. Casou-se novamente. Minha mãe dizia que não teve gostos na vida. Sofreu muito. Passou fome nos redutos, trabalhou na roça. No final da vida, em Lebon Regis, morava numa casinha de apenas duas peças. Ela ganhava roupa usada de gente rica e vendia mais barato. Todo mundo gostava dela na cidade, recorda-se, contando



As gerações de Teodora: a filha Davina e a bisneta Teodora com a mãe.

que Teodora era rezadeira, curava muita gente e unia casais com suas orações. Mas nem no reduto ela tinha visões. Os chefes comandantes que davam as ordens e diziam que as ordens vinham das visões do monge que as "virgens" tinham, revela, confirmando o depoimento de Teodora feito em 1954 ao pesquisador Vinhas de Queiroz. Minha mãe tinha raiva do Adeodato, até queria que as autoridades matassem ele. Ela era cativa do Adeodato. Passavam fome, comiam até care crua. Nos redutos, não dormiam nem comiam sossegados. Iam de lugar para lugar, sempre chegando gente. Os que não queriam ir para a guerra eram mortos.

elas administravam como rainhas. Para dar o sinal de combate, gritavam: Viva o monge José Mª

Dona Davina conta que Maria Rosa e Teodora moravam na mesma casa, mas sua mãe não sabia do destino de Maria Rosa depois da guerra. Elas administravam como rainhas, cada uma tinha um cavalo bem cilhado, carregavam bandeiras para dar o sinal do combate e gritavam: 'Viva o monge José Maria!' Teodora jamais foi ferida em combate. Conta a filha que ela tinha cicatriz na perna, mas foi acidente: machucou-se com um punhal ao descer do cavalo.

Teodora morreu nos braços de Davina há 11 anos, em Curitiba, onde estava em tratamento médico. Contava 78 anos de idade. E foi sepultada em Lebon Regis. Ela passou mal à noite e de manhã fomos ao hospital. Mas ela arrastava o chinelo, não conseguia andar direito até o ponto de ônibus. Chamei um táxi. Sentei ao lado dela. Eram 10 horas da manhã. No caminho para o hospital, ela só olhou bem para mim, apertou minha mão... e eu falei ao motorista: O senhor pára o táxi que a mãe já passou.

Sepultura de Rosa, equívoco sobre Maria Rosa desfeito: a data de nascimento não confere com a História.



Trabalham na pesquisa do Contestado Milton Ivan Heller (texto), Eliane Santo, Iram Carbonieri e Valéria Prockman (pesquisa), Carlos de Aguiar Macacheira, Haratom Maravalhas e Luiz F. Stinghen (documentação fotográfica)



Márcio Bortoloti

**Márcio Bortoloti** é Licenciado em Física pela Universidade Federal de São Carlos e atua como docente na rede estadual paulista de educação na cidade de Araraquara (SP). Pela fotografia, registra e reformula imagens do cotidiano.

#### A lenda da Igreja Matriz

O fotógrafo registrou imagens da reforma da cúpula da Igreja Matriz de Araraquara, em 2012. Diz a lenda local que debaixo da Igreja Matriz de Araraquara mora uma serpente que se libertará ao findar sua construção. Bortoloti morava próximo e capturou algumas imagens dos trabalhadores, fotografias até então inéditas.























#### EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária da Cultura do Estado do Paraná Luciana Casagrande Pereira Ferreira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná Luiz Felipe Leprevost

Editora

Marianna Camargo

Redação

Lucas Daniel de Lima

Luiz Felipe Cunha

Pesquisa e Produção:

Maria Beatriz Peres

Estagiário

Francisco Camolezi

Colaboradores desta edição

Adélia Maria Lopes

Cristine Pieske

**Gunther Furtado** 

Mariana Basílio

Márcio Bortoloti

Nuno Félix da Costa

Ilustração de capa

Rimon Guimarães

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Iuri De Sá









